

Variabilidade Morfológica de *Chloroleucon dumosum*: Implicações Taxonômicas e Toponímicas em Arapiraca, Alagoas

Morphological Variability of *Chloroleucon dumosum*: Taxonomic and Toponymic Implications in Arapiraca, Alagoas

Variabilidad morfológica de *Chloroleucon dumosum*: implicaciones taxonómicas y toponímicas en Arapiraca, Alagoas

Carlos Eduardo dos Santos Silva Coimbra¹

Dacio Rocha Brito²

João Guilherme Santos de Oliveira³

Resumo: A designação toponímica do município de Arapiraca deriva da nomenclatura popular de um táxon vegetal, entretanto, possíveis ambiguidades taxonômicas inviabilizam a identificação da espécie que originou o topônimo. Logo, objetivou-se identificar a qual espécie pertencem os espécimes estudados. Para tanto, realizou-se o levantamento dos espécimes estabelecidos na região de estudo, caracterizando-os morfológicamente. Selecionaram-se sete espécimes, dos quais quatro tiveram exsicatas e pranchas botânicas produzidas para ratificação em herbário. Quatro exemplares foram identificados como *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis. Detectaram-se variações no formato dos frutos e no número de pinas e foliólulos das folhas. As inflorescências são idênticas, enquanto aspectos dendrológicos, como o ritidoma e a arquitetura do caule, diferiram entre os espécimes. Concluiu-se que o nome do município de Arapiraca decorre da espécie *C. dumosum* e que as variações observadas sugerem a possibilidade de diversidade intraespecífica, o que ressalta a necessidade de estudos complementares.

Palavras-chave: Morfologia vegetal. Taxonomia. Ilustrações botânicas.

Abstract: The toponymic designation of the municipality of Arapiraca derives from the popular nomenclature of a plant taxon; however, possible taxonomic ambiguities make it impossible to identify the species that originated the toponym. Therefore, the objective was to identify the species to which the studied specimens belong. To this end, a survey of naturally occurring and cultivated specimens in the study region was conducted, and they were characterized morphologically. Seven specimens were selected, of which four had exsiccate and botanical plates produced for ratification by a herbarium. Four specimens were identified as *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis. Variations were detected in the shape of the fruits and in the number of pinnae and leaflets of the leaves. The inflorescences are identical, while dendrological aspects, such as rhytidome and stem architecture, differed among the specimens. It was concluded that the name of the municipality of Arapiraca is derived from the species *C. dumosum*, and that the observed variations suggest intraspecific diversity, underscoring the need for further studies.

Keywords: Plant morphology. Taxonomy. Botanical illustration.

¹ Graduando em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). <https://orcid.org/0009-0004-9585-6043>. E-mail: carlos.coimbra.2022@alunos.uneal.edu.br

² Doutor em agronomia. Professor titular no campus I da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). <https://orcid.org/0000-0002-6684-2759>. E-mail: dacio@uneal.edu.br

³ Graduando em Ciências Biológicas. Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). <https://orcid.org/0009-0009-5821-5876>. E-mail: guilherme.oliveira.2023@alunos.uneal.edu.br

Resumen: La designación toponímica del municipio de Arapiraca deriva de la nomenclatura popular de un taxón vegetal; sin embargo, posibles ambigüedades taxonómicas imposibilitan identificar las especies que originaron el topónimo. Por lo tanto, el objetivo fue identificar a qué especie pertenecían los especímenes estudiados. Para ello, se realizó un relevamiento de especímenes naturalmente establecidos y cultivados en la región de estudio, y se caracterizaron morfológicamente. Se seleccionaron siete especímenes, de los cuales cuatro presentaban exsiccatae y láminas botánicas producidas para su ratificación en un herbario. Cuatro especímenes fueron identificados como *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis. Se detectaron variaciones en la forma de los frutos y en el número de pinnas y folíolos de las hojas. Las inflorescencias son idénticas, mientras que los aspectos dendrológicos, como el ritidoma y la arquitectura del tallo, difieren entre los especímenes. Se concluyó que el nombre del municipio de Arapiraca se deriva de la especie *C. dumosum* y que las variaciones observadas sugieren la presencia de diversidad intraespecífica, lo que destaca la necesidad de nuevos estudios.

Palabras-clave: Morfología vegetal. Taxonomía. Ilustración botánica.

Submetido 01/09/2025

Aceito 11/03/2026

Publicado 06/04/2026

Considerações iniciais

A espécie *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis, popularmente conhecida como arapiraca, é uma árvore endêmica brasileira (Fabaceae) com distribuição confirmada em biomas como a Caatinga, o Cerrado e a Mata Atlântica (LPWG, 2017; Souza, 2020). Sua ocorrência na Região Nordeste está intrinsecamente ligada ao nome do município de Arapiraca, o segundo maior de Alagoas (IBGE, 2022), situado em uma importante zona de transição fitogeográfica entre a Mata Atlântica e a Caatinga (Xavier; Dornellas, 2012).

A história do município remonta a 1848, quando seu fundador, Manoel André Correia dos Santos, descansou sob uma dessas árvores às margens do Riacho Seco, o que deu origem ao nome da cidade. A árvore, que se tornou um ponto de referência para os primeiros moradores, firmou-se como um marco inicial e como patrimônio cultural da região (Guedes, 1999). No entanto, observam-se características distintas em estruturas morfológicas, como folhas, frutos e estruturas espinescentes, nos espécimes locais, ainda hoje denominados 'arapiraca'.

Essa variação entre os espécimes levanta dúvidas sobre a identidade taxonômica da árvore histórica e sugere a possível ocorrência de outras espécies do gênero *Chloroleucon* na região. Identificar corretamente a espécie envolvida é, portanto, fundamental para validar com precisão a identidade histórica e patrimonial associada à fundação do município.

O gênero *Chloroleucon* (Benth.) Britton & Rose ex Record, inserido no clado Mimosoide (subfamília Caesalpinioideae) da família Fabaceae (LPWG, 2017), compreende aproximadamente sete espécies, incluindo *C. dumosum*, que possui ampla distribuição no Brasil, principalmente no Nordeste (Souza, 2020). Essa diversidade específica, associada à complexidade taxonômica do grupo, pode dificultar a identificação precisa no campo. Ferreira *et al.* (2024) relatam que moradores de Arapiraca-AL apontam diferentes árvores como sendo a "arapiraca" original, indicando a confusão popular e a incerteza científica em torno do táxon em questão.

Diante dessa inconsistência entre a tradição local, a história documentada e a evidência morfológica preliminar, torna-se necessária uma investigação taxonômica detalhada. Portanto, este estudo teve como objetivo identificar, por meio de caracterização morfológica, alguns espécimes conhecidos popularmente como "arapiraca" no município de Arapiraca-AL, verificando se pertencem à espécie *Chloroleucon dumosum* ou a outros táxons do mesmo

gênero. Para isso, foram coletadas amostras em diferentes localidades do município, das quais foram confeccionadas exsicatas, com posterior deposição em herbário para identificação.

Metodologia

A pesquisa foi realizada no município de Arapiraca-AL, entre os meses de novembro de 2024 a julho de 2025. Trata-se de uma pesquisa de campo, de natureza básica e de objetivo descritivo, com abordagem quali-quantitativa dos dados. A pesquisa foi dividida em quatro etapas. A primeira consistiu na revisão bibliográfica, na qual se buscou compilar fontes relevantes sobre *Chloroleucon dumosum*, seus aspectos taxonômicos e sua relação com a origem do município de Arapiraca.

A etapa seguinte consistiu na seleção de locais para coleta. Para tanto, foram selecionados quatro locais no município, tanto em áreas urbanas quanto rurais, que contêm espécimes conhecidos popularmente como arapiraca. A terceira etapa consistiu na coleta e no registro fotográfico de material botânico. Diante disso, para cada espécime analisado que se encontrava no período de floração, por meio de podão e tesoura de poda, foram coletadas amostras de ramos, folhas, flores e frutos.

Seguindo os procedimentos descritos por Peixoto e Maia (2013), exsicatas foram confeccionadas por meio da coleta de três ramos reprodutivos de cada espécime estudado, os quais foram dispostos entre folhas de jornal e papelão, prensados em tábuas de madeira e postos em estufa de secagem. Posteriormente, os ramos desidratados foram fixados em cartolina (29 x 41 cm), acompanhados de suas respectivas fichas catalográficas. O material coletado foi levado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Botânicas da UNEAL, onde foram adotados os procedimentos descritos.

Paralelamente, foi realizado o registro fotográfico detalhado das estruturas das espécies estudadas (caule, folha, frutos e sementes), utilizando uma câmera fotográfica do modelo Canon EOS Rebel SL3. Amostras de órgãos vegetais foram coletadas, postas sobre tecido de fundo preto e fotografadas; posteriormente, as fotos foram tratadas no software de edição de imagem GIMP 2.10.38, em que as estruturas vegetais desejadas foram recortadas e agrupadas em uma imagem com fundo preto para destacar suas características, resultando na criação de uma prancha botânica.

A quarta etapa consistiu na descrição do material coletado e no agrupamento dos dados. Quanto aos aspectos qualitativos da pesquisa, realizaram-se análises morfológicas dos órgãos vegetais e identificação dos espécimes estudados. Essa etapa foi conduzida inicialmente por meio de consulta à bibliografia especializada (Souza; Flores; Lorenzi, 2019) e de análise de bancos de dados do Re flora e do Projeto Flora e Funga do Brasil, e, posteriormente, envio das exsicatas, pranchas botânicas e fichas de campo aos pesquisadores do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

No que se refere aos aspectos quantitativos, realizou-se o levantamento do número de espécimes encontrados em cada local de estudo, bem como a mensuração de seus órgãos vegetativos e reprodutivos, exceto o sistema radicular. As medidas de comprimento e largura de estruturas foliares e reprodutivas foram mensuradas com paquímetro digital, enquanto o diâmetro à altura do peito (DAP) e a altura dos fustes foram determinados com uma trena. Os dados coletados foram organizados posteriormente em tabelas no Microsoft Word.

Análise dos dados e resultados

Nos locais de coleta selecionados foram detectados poucos indivíduos denominados de arapiraca, o que indica a existência de pouquíssimos espécimes na região. Dos quatro locais de coleta, somente um está situado na zona rural do município, os demais estão localizados em áreas urbanas, entre os bairros Alto do Cruzeiro, Capiatã e Centro, alguns próximos às margens do Riacho Seco. Dos indivíduos encontrados, selecionaram-se sete espécimes, nos quais se observaram características morfológicas distintas. A geolocalização de cada espécime foi registrada com auxílio de um aparelho com GPS (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados de localização e coordenadas geográficas dos espécimes analisados.

Espécime	Local de Coleta	Zona	Latitude (S)	Longitude (W)
1	Escola Estadual Costa Rego	Urbana	09°44.931'	036°39.247'
2	Parque Ceci Cunha (Riacho Seco/Piauí)	Urbana	09°45.129'	036°39.437'
3	Parque Ceci Cunha (Riacho Seco/Piauí)	Urbana	09°45.125'	036°39.434'
4	Serra dos Ferreiras	Rural	09°42.537'	036°39.516'
5	Serra dos Ferreiras	Rural	09°42.532'	036°39.519'
6	Bosque das Arapiracas	Urbana	09°45.317'	036°39.608'

Fonte: autores (2025)

Os espécimes 1, 2, 3 e 7 foram identificados como *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis. Suas exsicatas e fichas de acompanhamento foram enviadas para confirmação taxonômica aos pesquisadores do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que ratificaram a identificação. Os materiais foram incorporados ao acervo do referido herbário sob os números de registro RB01585735, RB01585736, RB01585737 e RB01585738, respectivamente. Com relação aos espécimes 4, 5 e 6, a identificação ao nível de espécie não foi possível devido à ausência de estruturas reprodutivas durante o período de coleta e investigação.

No geral, verificaram-se diferenças morfológicas significativas entre os espécimes, bem como similaridades. Entre as semelhanças, quanto às características foliares, observou-se, em todos os espécimes estudados, folhas compostas bipinadas, com filotaxia alterna e nectários presentes na primeira e na última ramificação das pinas, características típicas do clado Mimosoide (LPWG, 2017). Entretanto, verificaram-se diferenças no número de pares de pinas e no comprimento das estruturas foliares adultas (Tabela 2).

Tabela 2 – Média dos comprimentos da folha, pina basal (PB), pina distal (PD), pecíolo, raque e quantidade de pares de pinas (PP) em cada espécime

ESPÉCIME	FOLHA	PP	PB	PD	PECÍOLO	RAQUE
1	12,7 cm	4	4,7 cm	6,1 cm	7,5 cm	1,6 cm
2	13,0 cm	4	4,2 cm	7,4 cm	7,4 cm	2,0 cm
3	14,0 cm	3	4,3 cm	8,2 cm	8,2 cm	2,0 cm
4	9,0 cm	3	3,9 cm	4,8 cm	4,8 cm	1,5 cm
5	6,2 cm	5	1,4 cm	2,5 cm	2,5 cm	1,4 cm
6	14,0 cm	4	5,3 cm	8,2 cm	8,2 cm	2,0 cm
7	12,0 cm	5	3,0 cm	5,7 cm	5,7 cm	1,2 cm

Fonte: autores (2025)

Diversos trabalhos descrevem diferentes quantidades de pinas para a espécie *C. dumosum*. Alguns convergem parcialmente com os espécimes estudados, como os que relatam: de 3 a 7 pares (Lima, 2012); de 5 a 6 pares (Matos, Melo e Silva, 2019); e de 3 a 7 pares (Almeida, Souza e Queiroz, 2021). No entanto, esses valores divergem dos encontrados em outros trabalhos, como: 3 pares (Vasconcelos, 2014); 10 pares (Rodrigues et al., 2020); e 6

pares (Queiroz, 2021). O estudo mais recente e localmente relevante (Ferreira et al., 2024) relatou de 6 a 8 pinas por folha, o que corresponde à maioria dos espécimes aqui analisados.

Com relação aos foliólulos, observou-se, em todos os espécimes, formato oblongo, com margem inteira e ápice e base obtusos, consistência entre membranosa e cartácea, e nervuras principais, de onde surgem as nervuras secundárias. Entretanto, a quantidade de pares de foliólulos nas pinas, assim como o comprimento do menor e do maior foliólulo, variou entre os espécimes analisados (Tabela 3).

Tabela 3 – Média dos comprimentos do menor e maior foliólulo e quantidade de pares de foliólulos em cada espécime

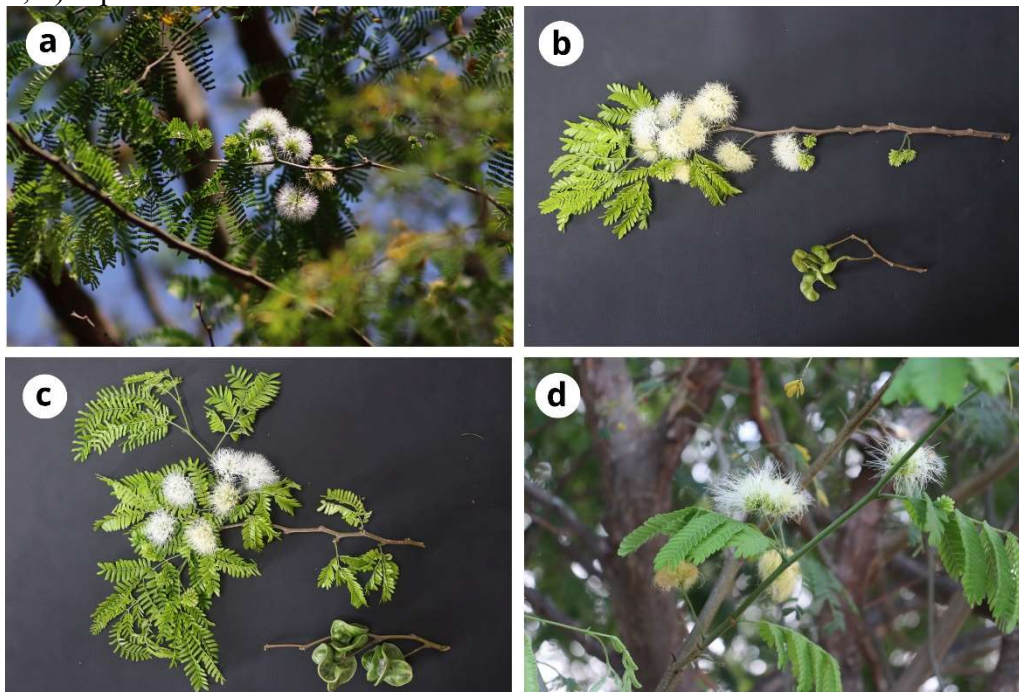
ESPÉCIME	PARES DE FOLIÓLULOS	MENOR FOLIÓLULO	MAIOR FOLIÓLULO
1	9 a 15	0,6 cm	1,03 cm
2	9 a 12	0,7 cm	1,5 cm
3	13 a 14	0,7 cm	1,5 cm
4	10 a 13	0,6 cm	1,1 cm
5	10 a 19	0,1 cm	0,4 cm
6	12 a 17	0,6 cm	1,3 cm
7	11 a 21	0,5 cm	0,8 cm

Fonte: autores (2025)

Em algumas descrições da espécie *C. dumosum*, presentes na literatura, podem-se encontrar números de foliólulos de 13 a 19 pares (Lima, 2012); de 10 a 20 pares (Vasconcelos, 2014); e de 11 a 21 pares (Almeida, Souza e Queiroz, 2015). Quantidades que se assemelham parcialmente ao que foi observado entre os espécimes estudados. Entretanto, em todos os espécimes estudados, observaram-se quantidades de foliólulos abaixo do máximo, de 18 a 42 pares, reportado por Matos, Melo e Silva (2019), e acima dos valores de 4 a 8 pares, registrados por Rodrigues *et al.* (2020).

Com relação às características florais, observou-se, em todos os espécimes analisados, inflorescências laterais do tipo glomérulo homomórfico, com flores sésseis e de coloração branca, exalando aromas. Salienta-se que os espécimes 4, 5 e 6 floresceram antes dos demais espécimes e fora do período de estudo, assim, não estavam em período de floração quando foram analisados. As inflorescências dos espécimes 1, 2, 3 e 7 podem ser vistas detalhadamente na Figura 1, contendo inflorescências e flores completas, típicas da espécie.

Figura 1: Estruturas florais dos espécimes 1, 2, 3 e 7. a) espécime 1; b) espécime 2; c) espécime 3; d) espécime 7



Fonte: autores (2025)

A inflorescência do tipo glomérulo, observada nos espécimes com flores estudados, já foi relatada em diversos trabalhos da literatura, como os de Almeida, Souza e Queiroz (2015), Rodrigues *et al.* (2020) e Queiroz (2021). Sendo que nos dois primeiros trabalhos citados anteriormente também descreveram as inflorescências como sendo do tipo homomórficas. Entretanto, Lima (2012) registrou inflorescências do tipo fasciculado, e Vasconcelos (2014) e Ferreira *et al.* (2024) relataram inflorescências do tipo capituliforme, divergindo parcialmente do que foi observado nos espécimes estudados.

Os frutos analisados possuem características comuns, todos secos, indeiscentes, polispérmicos e revestidos por estruturas carnosas envolvendo as sementes, com superfície glabra e coloração castanha quando maduros (Figura 2). Não foi observada a presença de animais como agentes dispersores de sementes, o que sugere a ocorrência do mecanismo de autocoria na espécie. Com relação às sementes, destaca-se que, com exceção do espécime 5, que possui sementes esbranquiçadas, os demais possuem semente com tegumento de coloração marrom claro.

Figura 2: Frutos dos espécimes estudados. a) espécime 1; b) espécime 2; c) espécime 3; d) espécime 4; e) espécime 5; f) espécime 6; g) espécime 7



Fonte: autores (2025)

Verificaram-se variações significativas entre os frutos quanto à forma. A maioria possui formato helicoidal (curto ou alongado) ou semiespiralado (semimoniliforme), enquanto um espécime se destacou por possuir frutos foiciformes. A média de comprimento de frutos e o formato específico de cada um, assim como a média da quantidade de sementes por fruto e de comprimento de cada uma, estão detalhados na Tabela 4.

Tabela 4 – Formato do fruto, comprimento do fruto (CF), largura do fruto (LF), quantidade de sementes por fruto (QSF) e comprimento da semente (CS) de cada espécime

ESPÉCIME	FORMATO DO FRUTO	CF	LF	QSF	CS
1	Helicoidal curto	4,4 cm	4,2 cm	23	6,0 cm
2	Helicoidal alongado	17,7 cm	2,2 cm	19	8,0 cm
3	Semimoniliforme	7,0 cm	5,2 cm	21	6,0 cm
4	Semimoniliforme	5,0 cm	4,2 cm	10	6,0 cm

5	Foiciforme	10 cm	1,2 cm	14	7,0 cm
6	Semimoniliforme	4,3 cm	4,3 cm	15	6,0 cm
7	Helicoidal curto	9,0 cm	5,7 cm	15	6,0 cm

Fonte: autores (2025)

Almeida, Souza e Queiroz (2015) descreveram para *C. dumosum* frutos semimoniliformes, característica semelhante foi encontrada nos espécimes 3, 4 e 6. Outros autores descrevem frutos com formato nucoides (Vasconcelos, 2014), folículos (Matos; Melo; Silva, 2019) e câmaras (Queiroz, 2021). Ferreira *et al.* (2024) descreveram frutos com formato helicoidal, semelhante, especificamente, aos observados nos espécimes 2 e 7.

Salienta-se, ainda, que os frutos de formato foiciforme (ou falcados) observados no espécime 5 foram descritos para a espécie *Chloroleucon foliolosum* (Benth.) G.P. Lewis, por Almeida, Souza e Queiroz (2015), que relataram dimensões similares ($8-15,5 \times 1,1-1,9$ cm) às observadas no referido espécime. Entretanto, Lima (2012) também relatou frutos com formato falcados, mas para a espécie *C. dumosum*.

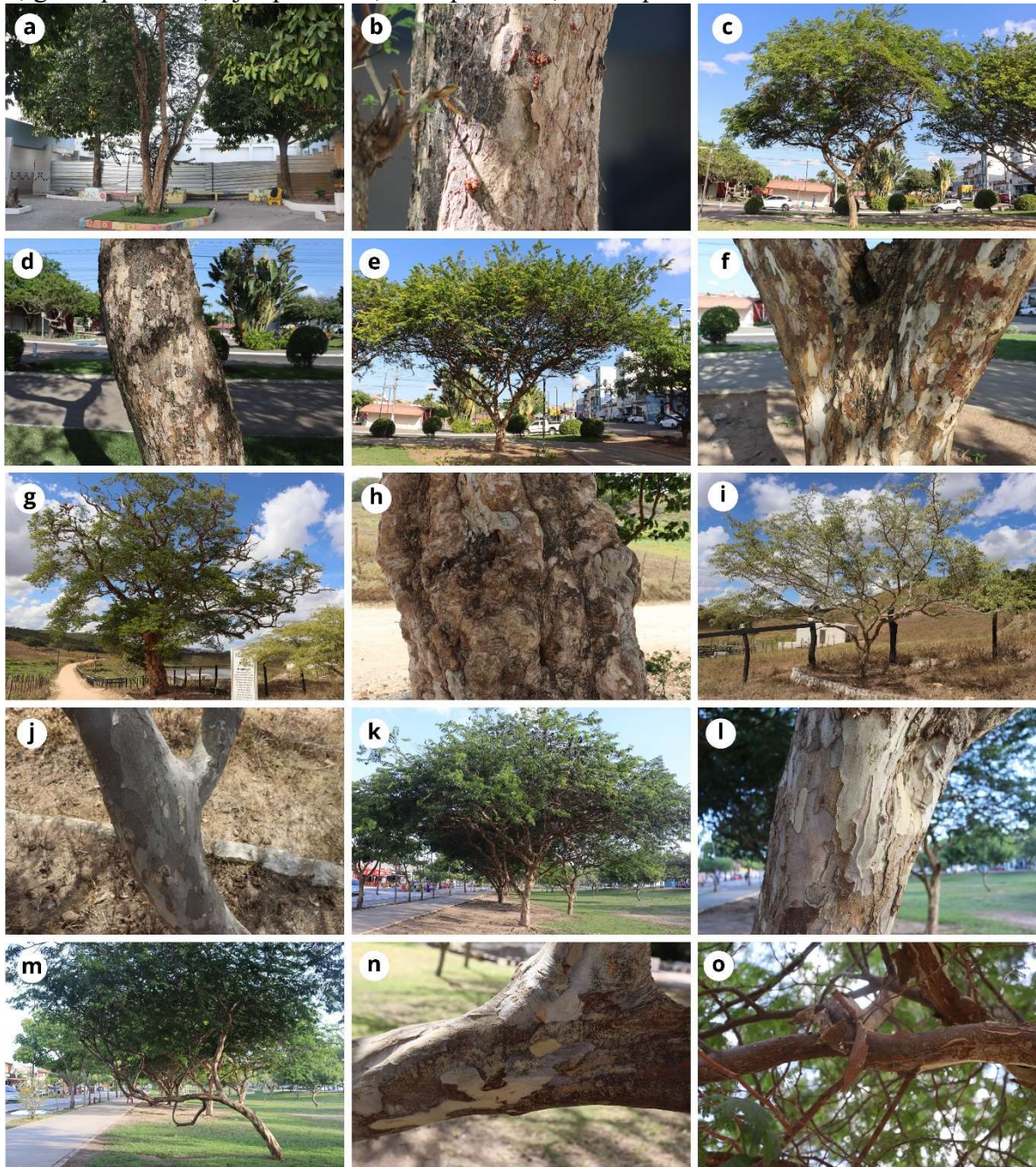
Diante disso, a variação nas características morfológicas foliares e dos frutos, verificada tanto nos espécimes deste estudo quanto em relatos da literatura, reforça a hipótese de uma ampla variabilidade morfológica dentro da própria espécie, ou mesmo indica a possibilidade de se tratar de espécies distintas no gênero *Chloroleucon*. Tais variações são particularmente notórias no espécime 5, cuja identidade taxonômica não pôde ser esclarecida no presente estudo, uma vez que este, assim como outros, floresceu precocemente, fora do período de coleta, e foi analisado fora da fase de floração.

Quanto aos aspectos dendrológicos, verificaram-se características morfológicas semelhantes entre os sete espécimes analisados. Em sua maioria, observou-se ritidoma de coloração marrom clara e aspecto laminoso, que se desprende em placas, conferindo tonalidade esbranquiçada ou acinzentada após a descamação; fuste reto, com secção transversal cilíndrica; copa baixa, de formato simples e densidade paucifoliada; e exsudação de resina.

As exceções incluem o espécime 7, com ritidoma de coloração externa marrom-escuro, e o espécime 5, com ritidoma de coloração externa acinzentada. Acrescente-se ainda que não se observou exsudação de resina no fuste do espécime 5. Foram observadas estruturas espinescentes nos espécimes 1, 4, 5 e 7, que possuem dois espinhos por nó em seus ramos,

enquanto os demais espécimes são inermes. Os fustes e as copas dos espécimes estudados podem ser observados em detalhes na Figura 3.

Figura 3: Fuste e copas dos espécimes estudados. a-b espécime 1; c-d espécime 2; e-f espécime 3; g-h espécime 4; i-j espécime 5; k-l espécime 6; m-o espécime 7



Fonte: autores (2025)

Dados semelhantes foram encontrados no trabalho de Almeida, Souza e Queiroz (2015), ao relatarem que a espécie pode possuir espinhos ou não, nesse caso, convergindo com o que foi observado entre os espécimes estudados. Por outro lado, Matos, Melo e Silva (2019), Rodrigues *et al.* (2020) e Queiroz (2021) citam a presença de estruturas espinescentes na espécie em questão, o que constitui um fato determinante para sua identificação.

No espécime 4, é importante ressaltar que o fuste possui numerosas cicatrizes, possivelmente decorrentes de danos externos ao tronco e da idade avançada da planta. Já o espécime 5 destaca-se pela ramificação mais próxima da superfície do solo, caracterizando porte arbustivo. Os dados morfométricos dos fustes (comprimento e diâmetro) dos espécimes analisados estão detalhados na Tabela 5.

Tabela 4 – Comprimento e diâmetro do fuste de cada espécime

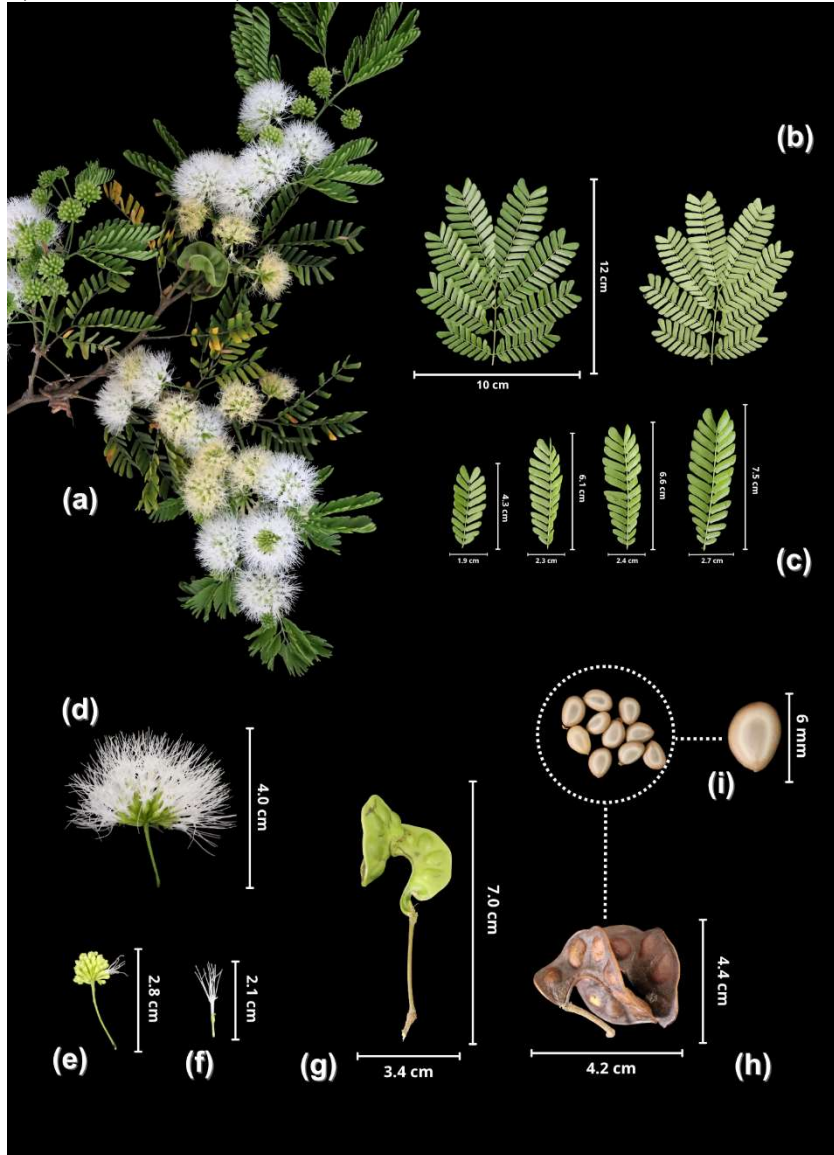
ESPÉCIME	COMPRIMENTO	DIÂMETRO
1	1,90 m	0,79 m
2	1,90 m	0,85 m
4	1,10 m	1,35 m
4	2,32 m	3,32 m
5	0,84 m	0,41 m
6	1,0 m	1,4 m
7	1,60 m	0,51 m

Fonte: autores (2025)

A partir do material coletado e após análises morfológicas, foram elaboradas pranchas botânicas digitais dos espécimes 1, 2, 3 e 7 (Figura 4). Tais ilustrações, ao apresentarem imagens detalhadas das estruturas vegetais, constituem ferramentas importantes para a identificação de espécies, etapa fundamental para a conservação da biodiversidade, uma vez que os esforços de preservação começam pelo conhecimento e pelo reconhecimento do que já existe (Kubo; Montserrat, 2016).

Tradicionalmente, a identificação botânica apoia-se em técnicas como as exsicatas. Estas, amplamente utilizadas por taxonomistas, são amostras de plantas desidratadas e armazenadas em herbários, que funcionam como coleções dinâmicas para documentar a diversidade vegetal (Peixoto; Maia, 2013). No entanto, a manutenção dessas coleções físicas envolve custos elevados e riscos constantes, como ataques de fungos e insetos, que podem comprometer a preservação das amostras (Monteiro; Siani, 2009).

Figura 4: Prancha botânica do espécime 1. a) ramo reprodutivo; b) face adaxial (esquerda) e abaxial (direita) da folha; c) pinas; d) inflorescência; e) botões florais; f) flor; g) fruto jovem; h) fruto maduro; i) semente

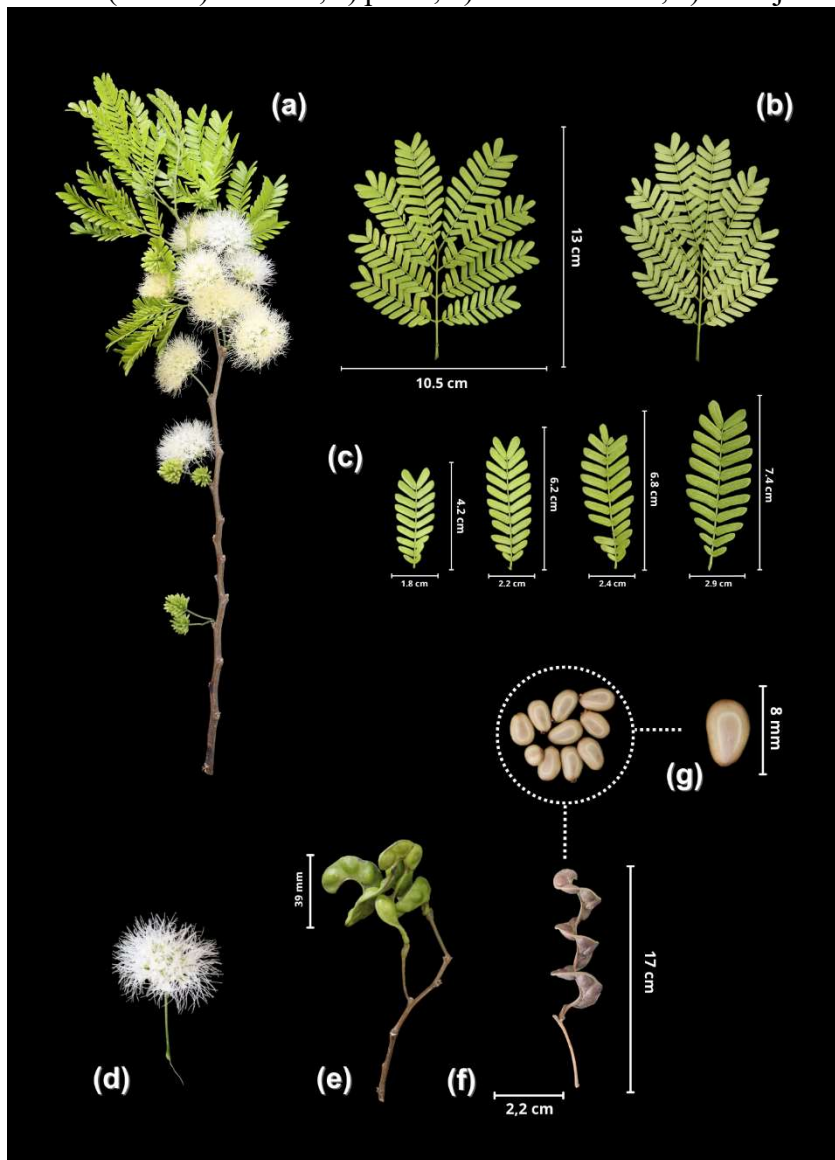


Fonte: autores (2025)

Por outro lado, a prancha botânica é um tipo de ilustração botânica, que consiste em registrar aspectos morfológicos importantes para a identificação de uma planta, tais como folhas, flores e frutos, por meio do uso de programas de computador (Kubo; Montserrat, 2016). Além de ser um recurso que não exige custos de manutenção após sua produção, essa ferramenta também possui relevante potencial pedagógico, podendo contribuir para a aprendizagem de temas relativos ao ensino de botânica, sendo uma estratégia válida para lidar

com as dificuldades que persistem na área (Santos, Freixo, 2020; Santos, 2024). Nas Figura 5, 6 e 7 pode-se observar pranchas que documentam a espécie e podem ser disponibilizadas na internet, facilitando o acesso de professores, alunos e da comunidade.

Figura 5: Prancha botânica do espécime 2. a) ramo reprodutivo; b) face adaxial (esquerda) e abaxial (direita) da folha; c) pinas; d) inflorescência; e) fruto jovem; f) fruto maduro; g) semente

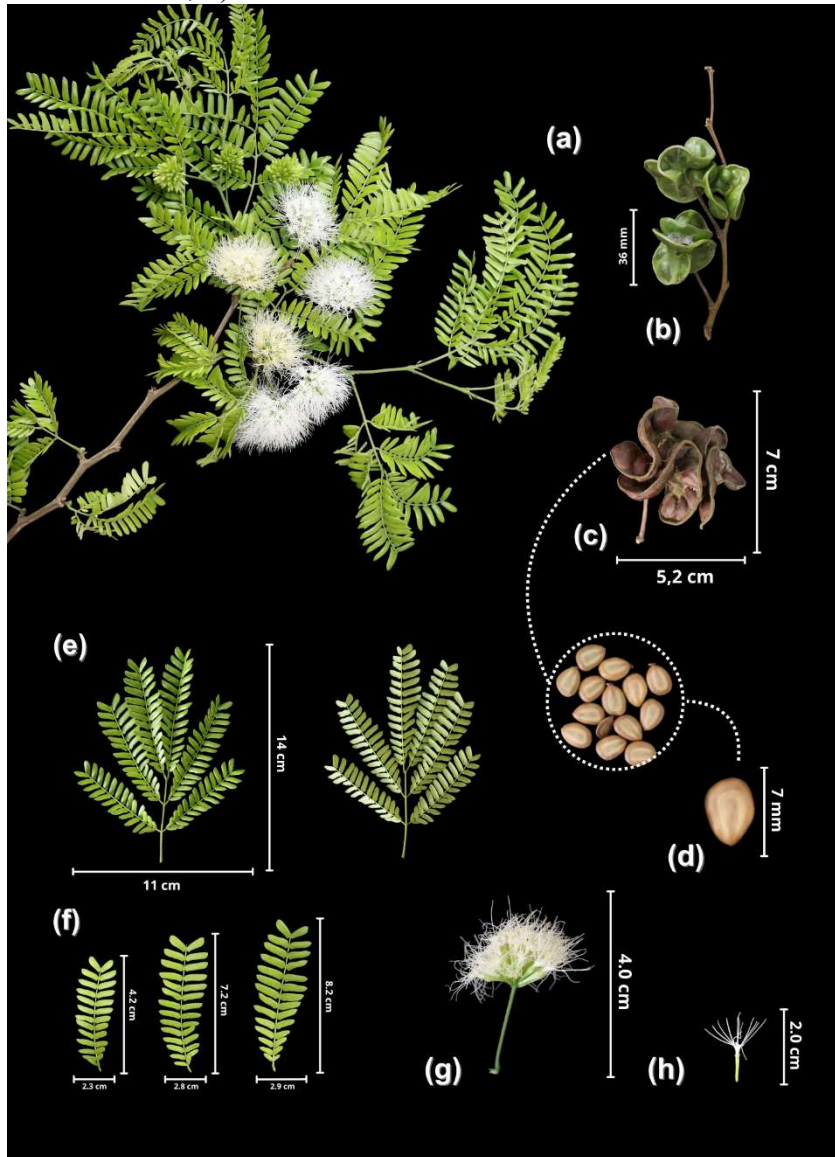


Fonte: autores (2025)

Além dos espécimes utilizados para coleta de órgãos que foram analisados, no levantamento realizado em outras localidades, observou-se que os espécimes de arapiraca

encontram-se às margens dos riachos Mulungu e Seco, além de seus córregos, e também próximos aos rios Piauí, Perucaba, Traipu e Coruripe

Figura 6: Prancha botânica do espécime 3. a) ramo reprodutivo; b) fruto jovem; c) fruto maduro; d) semente; e) face adaxial (esquerda) e abaxial (direita) da folha; f) pinas; g) inflorescência; h) flor

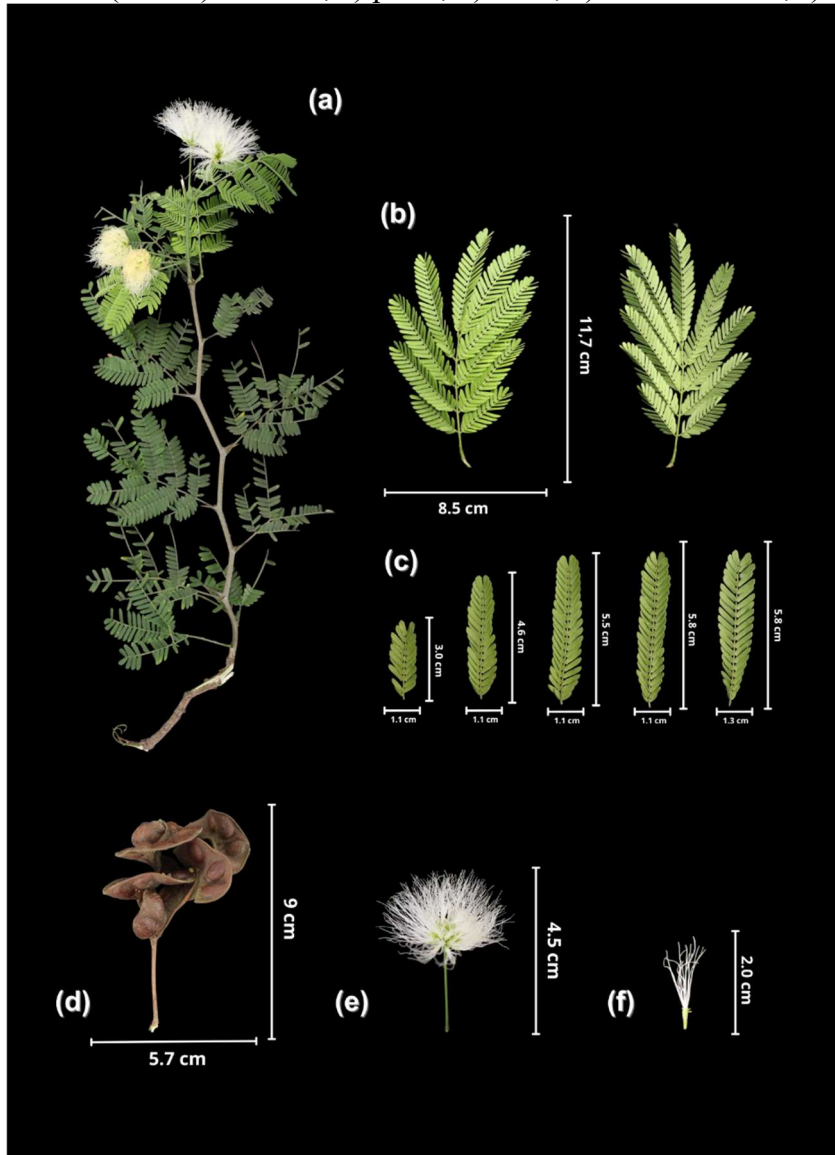


Fonte: autores (2025)

Destaca-se, ainda, que o local indicado como aquele onde Manoel André, fundador da cidade, construiu uma cabana para descansar enquanto limpava a área localiza-se às margens do riacho Seco (atualmente citado em muitos trabalhos como riacho Piauí). Logo, a espécie

Chloroleucon dumosum, por sua variação morfológica e por ser endêmica da região e encontrada em locais que margeiam os riachos Piauí, foi a que deu origem ao nome do município.

Figura 7: Prancha botânica do espécime 7. a) ramo reprodutivo; b) face adaxial (esquerda) e abaxial (direita) da folha; c) pinas; d) fruto; e) inflorescência; f) flor



Fonte: autores (2025)

Considerações finais

Os espécimes estudados, conhecidos popularmente como "arapiraca", encontrados no município de Arapiraca-AL, Brasil, foram relevantes e esclarecedores quanto aos aspectos

morfológicos, à identificação taxonômica e aos estudos sobre a relação com a árvore histórica que deu origem ao nome do município, apesar da pequena quantidade de espécimes. O reduzido número de espécimes encontrados, que caracteriza a espécie como uma planta em perigo crítico, é preocupante, visto que se trata de uma planta que deu origem ao topônimo do município.

Quanto aos aspectos morfológicos, verificou-se variações entre os indivíduos analisados. Entretanto, apesar dessas variações, dentre os espécimes que tiveram o processo de identificação ratificado em herbário, constatou-se que pertencem à espécie *Chloroleucon dumosum* (Benth.). G.P. Lewis. Estes dados corroboram a hipótese de que a diversidade de espécimes conhecidos como arapiraca, no município de mesmo nome, pertence a uma única espécie.

Considerando ainda os relatos históricos e os resultados do presente estudo, pondera-se que a *Chloroleucon dumosum* foi a espécie que deu origem ao nome da cidade, sendo a árvore onde o fundador da cidade, Manoel André, descansou ao chegar à região, conforme o relato histórico.

As variações morfológicas observadas nos indivíduos analisados, assim como as diferentes descrições da espécie na literatura especializada, apontam para uma possível ampla variação intraespecífica em *C. dumosum*. Assim, sugere-se, como possibilidade de esclarecimento da variabilidade morfológica dentro da mesma espécie, a realização de estudos moleculares complementares, além da ampliação da amostragem para outras áreas do Agreste Alagoano, a fim de avaliar a extensão dessa variação fenotípica e suas possíveis causas ecológicas ou genéticas.

Destaca-se, ainda, que as pranchas botânicas produzidas e encaminhadas ao herbário, juntamente com as exsiccatas, foram importantes para a identificação dos espécimes analisados. Além disso, trata-se de ferramentas que não demandam custos de manutenção e não estão armazenadas em um espaço físico específico, facilitando seu acesso, por se encontrarem disponíveis nos meios digitais. Dessa forma, salienta-se que as pranchas botânicas podem ser incorporadas como ferramentas de ensino e de estudo em morfologia vegetal e botânica sistemática.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido à pesquisa por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). À Universidade Estadual de Alagoas, local de planejamento e execução da pesquisa. Ao Núcleo de Pesquisas e Estudos Botânicos (NEB), pelo apoio à concretização da pesquisa. Aos pesquisadores do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Referências

- ALMEIDA, Priscila Gomes Cardoso de; SOUZA, Élvia Rodrigues de; QUEIROZ, Luciano Paganucci de. Flora da Bahia: Leguminosae–Aliança Chloroleucon (Mimosoideae: Ingeae). **Sitientibus série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v. 15, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibusBiologia/article/view/289>>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- FERREIRA, José Leandro; BRITO, Dacio Rocha; SANTANA, Fabiana Farias de; BRAZ, Rayane Correia. Registros de amostras de plantas em formato digital: morfologia da espécie *Chloroleucon dumosum* (Benth.) G.P. Lewis. **Contribuciones a las ciencias sociales**, São José dos Pinhas, v. 17, n. 7, p. e8566, 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8566>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- GUEDES, Zezito. **Arapiraca através do tempo**. Maceió: Gráfica Mastergraphy Ltda, 1999. 280 p.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades e Estados**. 2022. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/arapiraca.html>>. Acesso em: 13 jun. 2025.
- KUBO, Marcelo Tomé; MONTSERRAT, Laura. In: **VI Botânica no Inverno**. São Paulo: Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, Departamento de Botânica, 2016. p. 212-221.
- LIMA, Bráulio Gomes de. **Caatinga**: espécies lenhosas e herbáceas. Mossoró: EdUfersa, 2012. 314 p.
- LPWG - The Legume Phylogeny Working Group. A new subfamily classification of the Leguminosae based on a taxonomically comprehensive phylogeny. **Taxon**, Viena, v. 66, n. 1, p. 44-77, fev. 2017. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.12705/661.3>>. Acesso em 13 jun. 2025.

MATOS, Samara Silva de; MELO, André Laurênio de; SANTOS-SILVA, Juliana. Clado Mimosoide (Leguminosae-Caesalpinioideae) no Parque Estadual Mata da Pimenteira, Semiárido de Pernambuco, Brasil. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 1, p. e01902017, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rod/a/cDwWJwJjwWvMSsyCWCHJX9J/>>. Acesso em 13 jun. 2025.

MONTEIRO, Sérgio da Silva; SIANE Antonio Carlos. A conservação de exsicatas em herbários: contribuição ao manejo e preservação. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 4 n. 2 p. 24-37. 2009. Disponível em: <<https://revistafitos.far.fiocruz.br/index.php/revista-fitos/article/view/95>>. Acesso em 13 jun. 2025.

PEIXOTO, Ariane Luana; MAIA, Leonor Costa. **Manual de Procedimentos para Herbários**. INCT-Herbário virtual para a Flora e os Fungos. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

QUEIROZ, Rubens Teixeira de. **Fabaceae do Cariri Paraibano**. Nova Xavantina: Pantanal, 2021.

RODRIGUES, Erimáigna de Moraes; QUEIROZ, Rubens Teixeira de; SILVA, Luan Pedro; MONTEIRO, Fernanda Kalina da Silva; MELO, José Iranildo Miranda de. Fabaceae em um afloramento rochoso no Semiárido brasileiro. **Rodriguésia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 1, p. e02252018, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rod/a/r4x3LtCHt3Qsd3WJSPjL35z/>>. Acesso em 13 jun. 2025.

SANTOS, Isaías Vicente; CALUMBY, Rodrigo José Nunes; MOREIRA, Iramirton Figuerêdo; SILVA, Valter Alvino. Prancha botânica digital como recurso didático-pedagógico no estudo de plantas medicinais. **Contribuciones a las ciencias sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 5, p. e6493, 2024. Disponível em: <<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/6493>>. Acesso em: 7 jul. 2025.

SANTOS, Lucas Caneiro dos; FREIXO, Alessandra Alexandre. Ilustração científica: ensinando, aprendendo e desenhando botânica em uma Escola Família Agrícola. **Cadernos CIMEAC**, Uberaba, v. 10, n. 2, p. 59–88, 2020. Disponível em: <<https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/cimeac/article/view/3669>>. Acesso em: 17 ago. 2025.

SOUZA, E. R. **Chloroleucon in Flora e Funga do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://floradobrasil.jbrj.gov.br/FB18404>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

SOUZA, Vinicius Castro; FLORES, Thiago Bevilacqua; LORENZI, Harri. **Introdução à botânica: morfologia**. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora, 2019.

VASCONCELOS, Gabriella Carla Leite de. **A Tribo Ingeae Benth. (Mimosoideae, Leguminosae) no Estado da Paraíba – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Botânica). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

XAVIER, Rafael Albuquerque; DORNELLAS, Patrícia da Conceição. Caracterização ambiental do município de Arapiraca, Região Agreste de Alagoas. **Revista Ambientale**, Arapiraca, v. 3, n. 3, p. 108–121, 2012. Disponível em: <<https://periodicosuneal.emnuvens.com.br/ambientale/article/view/89>>. Acesso em 13 jun. 2025.